

## **A AULA DE REDAÇÃO NAS REDES DA NOVA ERA : AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITA NO UNIVERSO HIPERTEXTUAL – UM NOVO DESAFIO AO DOCENTE**

**Bianca Jussara Borges Clemente**  
UNIPLI

### **Resumo:**

Este trabalho apresenta um breve estudo sobre as estratégias utilizadas nas aulas de redação com a inserção da hipermídia, visto que são múltiplos os olhares ao ensino da leitura e da escrita no mundo hipertextual. Sendo, esse mundo hipermediático, novo aos olhos da sociedade escolar, mas pertinente à inclusão digital, que se põe em voga na atualidade. Busca-se na Linguística Textual e nas explicações de Chartier e Lévy, entre outros teóricos, que inferem sobre as possibilidades de apresentação do texto e do hipertexto como requisitos imprescindíveis à produção textual. Objetiva-se não só discutir a forma oriunda de como o hipertexto é apresentado nos meios hipermediático, como também verificar as contribuições inseridas nas abordagens textuais, além de como esse oferece entendimentos pertinentes a tessitura textual e as estratégias de escrita e leitura nesta nova era tecnológica.

### **ABSTRACT**

This work presents a concise study about the hypertext and her approach in some ways of read, analyzing specifically the methodology of teaching this in classes of writing. Inquire after Textual Linguistics and Teory of Midiatics approach, one possibility to presents the *text and hypertext* as fundamental requirement to teaching register of language. Objective of it do not alone question arising from ways of hypertext is presenting in hypermediatics environment, as also it verify the contributions, that the textual approach can offer for the understanding of the textual attitude and of the formal learned register and her ways of writing and reading in the new age of technology.

## 1. DO TEXTO AO HIPERTEXTO

Segundo Koch (1998), a Lingüística Textual auxilia-nos não só em pesquisas e análises de textos, como também na aplicabilidade dessas em sala de aula, além da identificação dos tipos textuais e/ou gêneros. Torna-se imprescindível frisar que os tipos e gêneros textuais são formas de facilitar, aos usuários da língua materna, o entendimento da realidade e, a possibilidade de revelar argumentos críticos com planejamentos para agir sobre o contexto social. Na perspectiva de Bakhtin, com o pensamento de que a língua precisa ser analisada como atividade sócio-histórica-cultural. Os gêneros são apreendidos diariamente, visto que, como participantes de determinado grupo social, estamos envoltos a eles. Para Marcuschi (2002:19) “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.” E prossegue inferindo que “os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se com eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.”

Quando voltamos à criação de Gutenberg no processo de impressão com tipos móveis, percebemos que as idéias ganharam velocidade. Desta forma, a imprensa transformou as formas de convencimento e ampliou as possibilidades de fazer política e difundir culturas e crenças. Por conseguinte, o processo de disseminação de idéias sempre fundamentou a manutenção, ou até mesmo, alteração do poder social, que ainda não parou de se multifacetar.

Na contemporaneidade, a revolução da comunicação ainda se faz múltiplos, além de adquirir novas denominações, tais como: Nova Revolução Tecnológica, Revolução das Tecnologias de Informações (TICs); Revolução Digital; entre outras. O que parece comum no íterim desta revolução está no uso do computador, como instrumento da comunicação contemporânea. O computador, ícone da nova revolução, ligado em Rede está alterando as relações das pessoas com o tempo e o espaço. O computador ressuscitou a escrita, após a supremacia das mídias audiovisuais. A Nova Revolução, como bem apontou Pierre Lévy em *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática* (1993), ampliou a inteligência humana. Essa tecnologia que aporta o *hipertexto* é responsável, por assim dizer, pela

disposição interativa que passa a ser o marco distintivo do computador. Todavia, a noção de interatividade, que já existia, se reforça na interferência do leitor no texto em ambientes hipermidáticos.

## 1. O HIPERTEXTO

A primeira idéia de hipertexto foi manifestada por Vannevar Bush em 1945, mas o termo só foi criado nos anos 60 por Theodore Nelson. Bush concebeu o hipertexto para melhor organizar e indexar informações em uso pela comunidade científica de sua época. Ele estava ciente de que a mente humana não pensa hierarquicamente ou seqüencialmente, mas reticularmente, como uma rede intrincada de associações. E vislumbrava uma organização das informações científicas que permitisse associar todos os temas interligáveis de modo que, ao acionar um deles, todos os outros ligados a ele pudessem também ser visualizados, deu origem então ao *Memex*. Embora, esse dado histórico seja relevante ao que concerne ao hipertexto, não aprofundaremos seu ideário. O hipertexto contribui nas produções e manifestações escritas, além da performance de alunos/leitores e professores diante desse gênero em nova roupagem tecnológica. Visto que, o *hipertexto* sempre esteve presente na vida letrada da humanidade, embora essa nomenclatura seja nova, suas manifestações circulavam como: nota de rodapé, anotações que margeavam os livros e até mesmo as habilidades (*meta*) *cognitivas*, que auxiliavam a busca de informações complementares, até mesmo as citações de outros autores em uma determinada obra são rastros *dialógicos hipertextuais*.

O hipertexto torna-se interessante e perspicaz, já que este quebra a linearidade do texto com diálogos textuais (*intertextualidade / hipertextualidade*), que se abrem a vários textos e conceitos, assim ao estudá-lo, contemplamos seus vestígios nas reminiscências da literatura e sua importância na atualidade nos meios hipermediático.

Ao utilizar os conceitos de Bakhtin (2003:304) pensa-se em integrar o *hipertexto* como uma manifestação do *objetivo-neutro* postulado por este autor, visto que, as manifestações do hipertexto em uma macro estrutura textual permiti a interação ou não do leitor com esse *link* que se pré dispõe nas telas como um novo caminho opcional:

Sem levar em conta a relação expressiva do falante como o *outro* e seus enunciados ( presentes e antecipáveis), é impossível compreender o gênero ou estilo do discurso. Contudo, também os chamados estilos neutros ou objetivos de exposição, concentrados ao máximo em seu objeto e, parceria, estranhos a qualquer olhada repetida para o outro, envolvem, apesar de tudo, uma determinada concepção de seu destinatário. Tais estilos objetivos-neutros produzem uma seleção de meios lingüísticos não só do ponto de vista da sua adequação ao objeto do discurso (...). Os estilos neutro-objetivos pressupõem uma espécie de triunfo do destinatário sobre o falante, uma unidade dos seus pontos de vista, mas essa identidade costumam quase a plena recusa à expressão.

Muitos são os estudos sobre as manifestações do *hipertexto*, principalmente, na era dos meios eletrônicos que auxiliam a construção e a (des)construção de conceitos e, nos levam a novas conclusões. Isto posto, o universo da atual comunicação de massa por ser aberta, não possui características rígidas, pelo contrário é aberta à flexibilidade.

Assim são estabelecidas novas formas de comportamento, tais como a relação do homem com aquilo que cria e a ordenação prática do pensamento e do registro moderno que se sofisticou com a *linguagem virtual*. Todavia, nesse ciberespaço há a convergência de vários conceitos, constata-se que o *hipertexto* rompe os limites do *texto* e, possibilita ao leitor a manutenção de seus anseios, já que o discurso lógico, fechado em si torna-se descabido e obsoleto.

Segundo Heim (1993) “ *o hipertexto é um modo de interagir com textos e não só uma ferramenta com os processadores de textos*”, aqui ele enfatiza o conceito. Assim, o usuário interliga informações intuitivamente, associativamente ao ultrapassar as margens de um texto por meio de um *link* . Ao saltar de um link ao outro – movimento marcante do hipertexto – o leitor assume um papel ativo, sendo ao mesmo tempo co-autor, tais explanações convergem com Lévy (1993) “ *o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões.*”

Então por não haver seqüência entre o *hipertexto* e a *autonomia* do *aluno/usuário*, este se torna um explorador, mas do que um navegador das telas interativas e hipermediáticas, esse que se movimenta interligando as informações, de acordo com interesses vai construindo seu patrimônio cognitivo, isto é, define seu próprio texto, podendo apreciar este interativamente.

## 2. O HIPERTEXTO E AS AULAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Com as telas dos computadores, o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita estão em processo de transformação, ainda que se apresentem novas modalidades de apropriação do texto. Sendo assim, a escrita, seria uma construção importante, que constitui a história de um grupo cultural, visto que, o surgimento da escrita alterou as relações e perpetuou o saber. Não há forma mais fácil de ter idéias na linguagem escrita, de apagar, de revisar, modificar, editar, armazenar e recuperar, quando se permite pensá-la no ciberespaço. Os computadores são freqüentemente e equivocadamente considerados como aparelhos solitários, que isolam as pessoas umas das outras, posto que nas reflexões de Chatier (2001) e Lévy(1993) , isso não é verdade.

As relações entre leitura e escrita se estreitam, quando os sistemas escritos não transcrevem o discurso, mas criam de certa maneira, novas modalidades que possibilitam nos tornamos conscientes do próprio discurso. Segundo Vygotsky (apud Freitas 2006: p.32) “ a escrita afeta a consciência e a cognição ao fornecer um modelo para o discurso, uma teoria para refletir sobre o que é dito.” Isto posto, a forma de escrever transcende e se formata numa nova roupagem, isso por causa da informatização do saber. Lévy ( apud Freitas 2006: p. 35) “ chama a nossa atenção para as mudanças nas formas de ler e escrever operadas pelo hipertexto digital”. Então, diante disto, o professor deve se posicionar, principalmente o de redação, já que o *hipertexto* é riquíssimo para ser inserido em sala de aula, sempre observando que a mistura das funções de leitura e escrita, proporcionam que o aluno/leitor torne-se também *co-autor*.

Assim, segundo Freitas (2006: p.35) “ A partir do hipertexto, toda leitura pode tornar-se uma escrita.” Esse pensamento perpassa nas reflexões de Costa ( apud Freitas 2006: p.37) “A interface oralidade/ escrita parece se dissolver de maneira relevante, no uso da Internet, que seria responsável pelo surgimento de novos gêneros ( hiper) textuais (...) ligados à interatividade verbal e, conseqüentemente, se torna responsável por novas formas e/ou função de leitura e escrita.

A partir dessas formatações, o professor de redação, além da preparação e (re)flexão de sua prática docente, deve estar atento as diversas possibilidades de inserção no ciberespaço, cujo aluno está inserido. Nesse novo espaço, o leitor e o

produtor de texto convivem com novos conceitos, vocabulário, além de participar dos surgimentos de novos gêneros discursivos, novos códigos e estilos da leitura e da escrita. Configurando-se, ainda, novos processos de produção e construção (hiper)textual, que encaminha alunos e professores a (re)pensar os conceitos de textos e suas interações, portanto, nesses embates os trabalhos de produção e análise textual se ampliam e, as noções de coesão/coerência, textualidade irão também se adaptando e se aplicando nas novas fronteiras surgem com a informatização do saber. É possível abrir todos os conteúdos da memória, que podem ser aceitos ou não, pois o texto original não terá sofrido alterações e, sim *interações*, como propõe COSTA (apud FREITAS: p.40):

Todas as pessoas estão mais unidas através da tecnologia eletrônica. Os leitores estarão mais próximos dos autores, os escritores dos leitores, os alunos dos professores. Não será mais necessário esperar que um próximo romance de um escritor seja publicado. (...). Pode-se através da tecnologia interagir com autores prediletos dessa maneira. (...) um hipertexto é um conjunto de dados textuais, que tem um suporte eletrônico, e que podem ser lidos de diversas maneiras, por diversos caminhos. (...). Os nós estão fisicamente “ancorados” em zonas, como uma palavra ou uma frase. O texto propõe ao leitor um percurso fixo. Já o hipertexto permite ao leitor constituir progressivamente um conjunto fugaz de elementos textuais, sempre que o desejar.

As escolhas serão habilidades significativas a serem desenvolvidas e orientadas pelo professor de redação. Assim, como há mais oportunidade e, até demanda de muito mais leitura, também haverá oportunidades e demanda para muito mais escrita, em um meio no qual caberá aos leitores a condução de grande parte da sua correspondência, entre outros.

A hipertextualidade inerente a grande Rede Mundial se multifacetou, desta forma, o *hipertexto* possui uma *textualidade eletrônica virtual*, indo assim, além das margens do texto tradicional, como diz Chatier (2002:23):

É agora num único aparelho, o computador, que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos tradicionais (...). Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). Cria-se, assim, uma diversidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade... Assim, quanto à ordem dos discursos, o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação como os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição.

Um texto sempre ao ser lido é reavivado e, a partir disto múltiplas leituras podem ser produzidas, então quando esse texto tem *link hipertextual* há várias confluências e diálogos com outros textos e conceitos. Costa ( apud Freitas 2006) ao citar Barthes enfatiza que “ O texto é uma galáxia de significantes e não uma estrutura de significados. Não há começo, mas reservibilidade, com vários acessos possíveis.”

O professor inserido nessa nova revolução da informação deverá conhecer a natureza virtual do *hipertexto* e suas implicações nas relações sociais e interativas, já que o contexto, longe de ser estável, é constituído pelo próprio ensejo da leitura, cabe, então ao professor, a orientar como esse gênero poderá auxiliar tanto uma leitura produtora, quanto uma produção textual satisfatória e competente.

O professor deve auxiliar o desenvolvimento do conhecimento e, deve ainda acompanhar o desenvolvimento de habilidades e de atitudes. Habilidades que levem o indivíduo a caminhar sozinho, a interpretar os fenômenos, a saber, expressar-se melhor, a se comunicar com facilidade, a dominar atitudes que o ajudem a ter auto-estima, impulso para avançar, para querer aprender sempre, não se isolando, mas colaborando para chegar a ter uma sociedade mais justa. Vygotsky, que acredita que um signo é sempre originalmente um meio usado para fins sociais, um modo de influenciar os outros e só posteriormente vem a ser um modo de auto-regulação.

Assim sendo, novas características de leitura e escrita no advento do *hipertexto* são postuladas e pesquisadas, visto que se levantam questionamentos sobre os procedimentos e demandas, pode-se afirmar que as leituras e escritas hipertextuais necessitam de mecanismos (meta)cognitivos diferenciados para um texto não-linear e macro-referencial, assim como os gêneros textuais que circulam na sociedade, vieram alterar as propostas curriculares no ensino de oralidade, leitura e escrita, desta forma, o hipertexto aguça redefinições e revisões curriculares.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As utilizações das possibilidades hipermediáticas reforçam e ampliam as práticas de ensino, somando-se a tantas outras tecnologias inseridas no cotidiano. O professor de redação ao se valer desses meios enriquece suas aulas e direciona o interesse de seu corpo discente. O uso altera a rotina escolar e os métodos de organização pedagógica,

posto que, a produção de leitura e escrita estão integrados em um contexto estrutural de mudança, no que cerne o ensino aprendizagem. A atualização do ensino escolar contempla os processos de comunicação abertos de participação interpessoal e grupal, sendo assim, a pedagogia que encontramos no *hipertexto* ( *homepage*) não é, apenas da instrução direta e explícita e, sim, da leitura interpretativa e produtiva de um conhecimento mediado de erros e acertos, além da internalização das informações que são priorizadas pelo usuário/leitor.

A manipulação de uma *homepage* faz com que o aluno se depare com *textos* e *hipertextos* e, se aproprie de uma escrita linear, com estratégias de leituras não-lineares, pois se pode fazer uso de imagens, *links* e sons simultaneamente, já que, a utilização desses recursos interativos são feitos para ampliar ou apresentar o *texto*, proporcionando um aspecto lúdico, que transformam o ato de ler e escrever.

Concluiu-se que as aulas de redação precisam se aliar as transformações midiáticas, sendo assim, as multifacetações do hipertexto propõem um gênero fértil às aulas de produção textual e de leitura, além de suas manifestações e abordagens no ensino auxiliar e ampliar o conhecimento cognitivo universal do corpo discente imersos da Era Digital.

#### 4.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra: Editora Martins Fontes, 2004.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.  
\_\_\_\_\_. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CRISTINA, Tereza. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

COSTA, Sérgio Roberto. *Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares*. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FÁVERO, L.L, KOCH, I. G. Villaça. *Linguística Textual: uma introdução*. 4.ed. – São Paulo: Ática, 2002.

FIORIN, José Luiz . *Notas para uma didática do português*. In: BASTOS, Neusa Barbosa (orgs.). *Língua Portuguesa: história, perspectiva, ensino*. SP: EDUC., 1998.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: 34.ed.,1993.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela P.,MACHADO, Anna Rachael e BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. RJ:Lucerna, 2002.

HEIM, M. *The Metaphysics of Virtual Reality*.Oxford Press,1993 cap.3 Landow, G. P. ; *Hypertext. The Convergence of Comtemporay Critical theory and Tecnology*; The John Hopkins Universty Press, Baltimore and London,1992.In: CORREIA, Cláudia e ANDRADE, Heloísa. *Noções básicas de hipertexto*. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/hipertexto/nbasicas.html>. Acesso em:03/05/2007 às 20:15h.